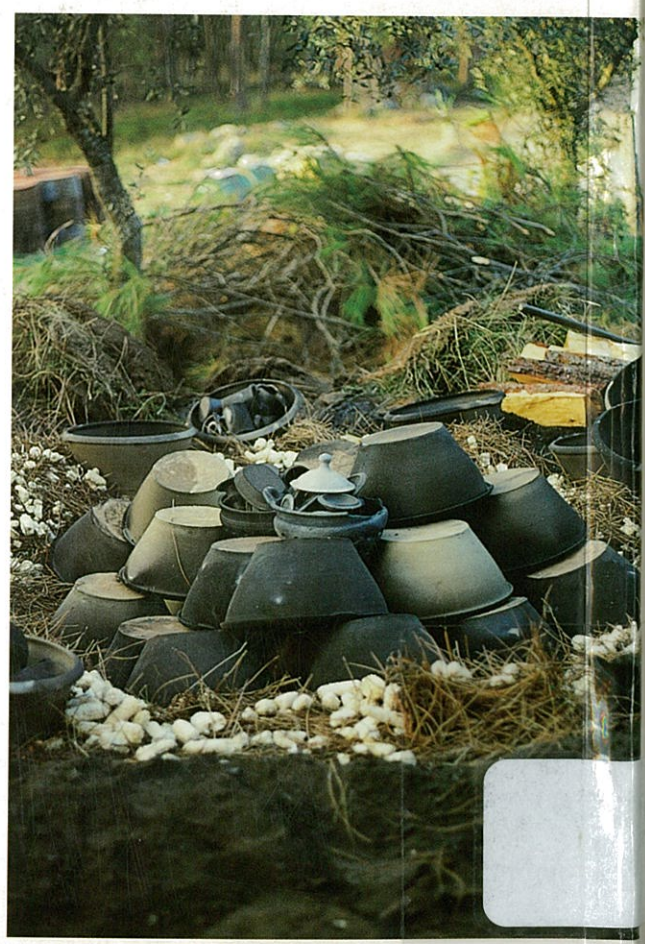


CAMÂRA MUNICIPAL DE TONDELA



CC/INT  
CT

# ACTAS

das **2** as **DE**  
Jornadas

## Cerâmica Medieval e Pós-medieval

métodos e resultados para o seu estudo



Tondela • 22 a 25 de Março de 1995

100  
100  
100  
100  
100

ACTAS DAS 2.<sup>as</sup> JORNADAS  
DE  
CERÂMICA MEDIEVAL  
E PÓS-MEDIEVAL  
MÉTODOS E RESULTADOS PARA O SEU ESTUDO

TONDELA  
(22 a 25 de Março de 1995)

Coordenação de João Manuel Diogo e Helder Chilra Abraços



CÂMARA MUNICIPAL DE TONDELA  
1998

**ESTA EDIÇÃO BENEFICIOU DO PATROCÍNIO DO PROGRAMA LEADER II ATRAVÉS DA ADICES  
E DO APOIO DA FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN**

**Título:** Actas das 2.<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval – métodos e resultados para o seu estudo

**Edição:** Câmara Municipal de Tondela

**Capa:** *Soenga* (António M. Coimbra, Molelos, Tondela) – Fot. de Helder Abraços

Alpendre de António M. Coimbra, Molelos, Tondela – Fot. de Helder Abraços

*Soenga*: empilhamento da louça (António M. Coimbra, Molelos, Tondela) – Fot. de Helder Abraços

**Execução gráfica:** Edições Afrontamento / Rua Costa Cabral, 859 / Porto

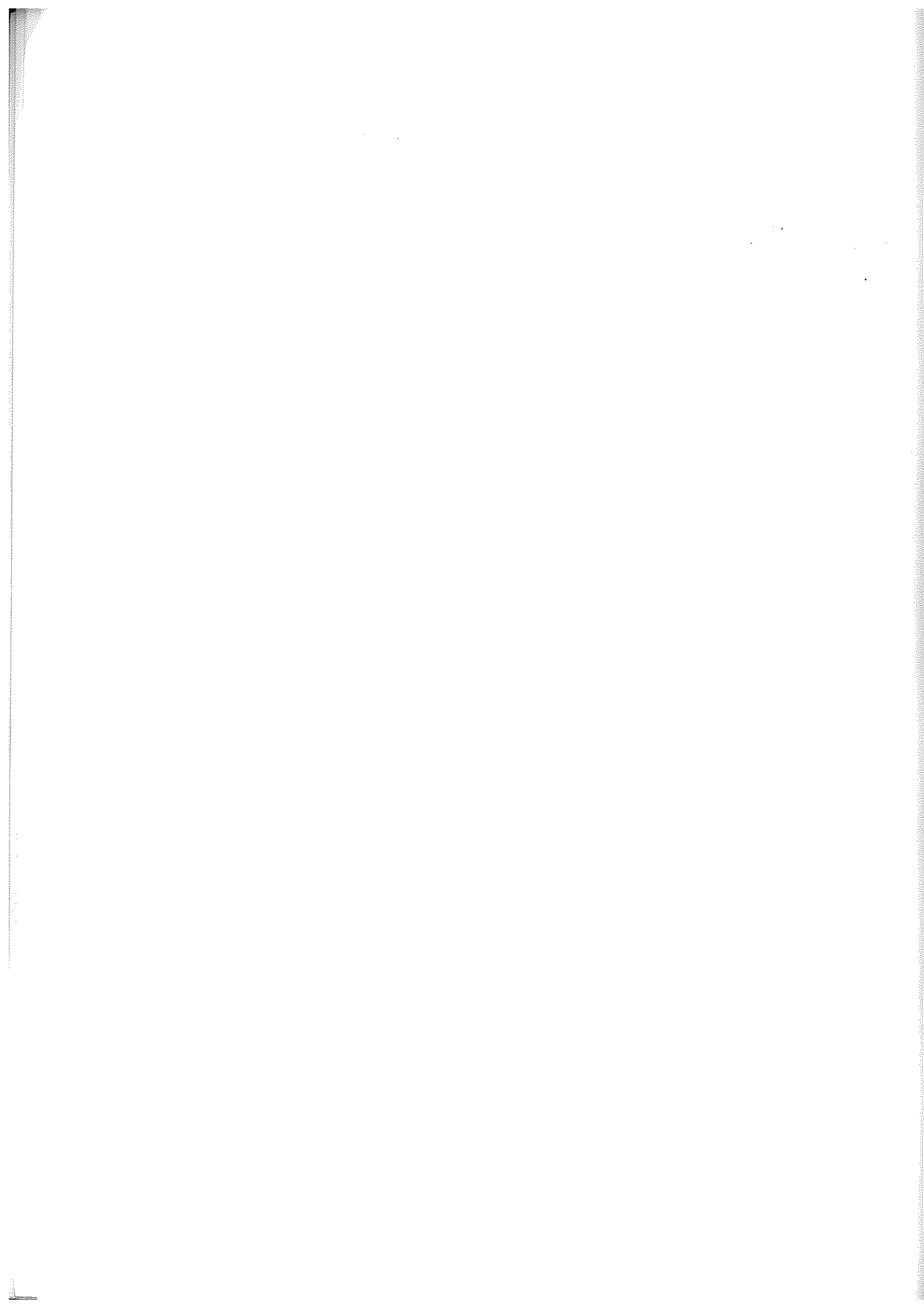
**Impressão:** Rainho & Neves, Lda. / St.<sup>a</sup> Maria da Feira

**Depósito legal:** 86855/95

Porto, Dezembro / 1998

## ÍNDICE

<i>Nota Prévía</i> .....	9
<i>Palavras de Abertura das 2.<sup>as</sup> Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval</i> .....	13
 <i>Tema 1 – Cerâmica</i>	
FELIX TEICHNER	
«A ocupação do centro da cidade de Évora da época romana à contemporânea. Primeiros resultados da intervenção do Instituto Arqueológico Alemão (Lisboa)»* .....	17
MÁRIO VARELA GOMES	
«Cerâmicas islâmicas do poço da Hortinhola (Moncarapacho, Olhão)» .....	33
ROSA VARELA GOMES	
«Contributo para o estudo das cerâmicas com decoração a "verde e castanho" de Silves» .....	43
SUSANA GÓMEZ MARTÍNEZ	
«A Cerâmica de verde e manganés do Castro da Cola (Ourique)»* .....	57
SANTIAGO MACIAS, CLÁUDIO TORRES	
«Consumo alimentar e utensílios de cozinha» .....	67
HORTENSIA LARRÉN IZQUIERDO, ARACELI TURINA GÓMEZ	
«Caracterización y tipología de la cerámica medieval de la provincia de Zamora, siglos XI-XIV» .....	81
JOSÉ I. PADILLA LAPUENTE, JOSEP MARIA VILA I CARABASA	
«Últimas intervenciones en el alfar medieval de Cabrera d'Anoia. Barcelona» .....	91
MIGUEL AREOSA RODRIGUES, NELSON REBANDA	
«Cerâmicas medievais do povoado desertificado de Sta. Cruz da Vilarça» .....	101
MERCEDES MESQUIDA GARCIA	
«La cerámica gris de los alfares de Paterna: tipología» .....	127
CHRISTOPHER GERRARD	
«Prospección arqueológica y cerámica medieval/post-medieval: problemas y modelos» .....	137
PAULA BARREIRA, PAULO DORDIO, RICARDO TEIXEIRA	
«200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do século XVI a meados do século XVIII» .....	145
FRANCISCO J. S. ALVES, PAULO J. P. RODRIGUES, CATARINA GARCIA, MIGUEL ALELUIA	
«A cerâmica dos destroços do navio dos meados do século XV, <i>Ria de Aveiro A</i> e da zona <i>Ria de Aveiro B</i> . Aproximação tipológica preliminar» .....	185
ISABEL CRISTINA F. FERNANDES, A. RAFAEL CARVALHO	
«Conjuntos cerâmicos pós-medievais de Palmela» .....	211



## A Cerâmica de Verde e Manganés do Castro da Cola (Ourique)

Susana GÓMEZ MARTÍNEZ  
Campo Arqueológico de Mértola

### Resumen

El presente artículo se centra sobre un grupo de cerámicas decoradas en «verde y morado» que fueron encontradas en las excavaciones realizadas por Abel Viana en el Castro da Cola (Ourique). Se trata de un conjunto fuertemente homogéneo en sus características técnicas y decorativas que se puede datar, mediante paralelos, entre la segunda mitad del siglo X y finales del siglo XI. El contraste entre las características de este lote y las de los conjuntos de Mértola y Silves, que incluyen producciones más variadas, induce a plantear la hipótesis de su origen en algún taller local.

### I. INTRODUÇÃO

O Castro da Nossa Senhora da Cola situa-se no Concelho de Ourique, a 12 km. desta localidade<sup>1</sup>. Trata-se duma estação de prolongada ocupação humana, que se estende desde a época pré-romana até o início da idade moderna.

A importância do Castro da Cola foi reconhecida na época renascentista e o sítio foi regularmente objecto do interesse dos investigadores; no entanto, só os trabalhos de Abel Viana tiveram um carácter científico e sistemático, se bem que, numa perspectiva actual, apresentem sérias deficiências (VIANA 1958, VIANA 1959, VIANA 1960).

Após estes trabalhos de Viana, a maior parte dos investigadores esqueceram o estudo do assentamento e o seu rico espólio, especialmente o cerâmico, que foi, até ao momento, insuficientemente divulgado e que, entre outros achados, conta com um apreciável lote de cerâmica decorada em «verde e manganés», de aproximadamente 135 peças fragmentadas.

Da nossa parte, já nos tínhamos interessado por este tipo de cerâmica estudando o numeroso e heterogéneo lote encontrado nas escavações de Mértola (GÓMEZ 1994 a, GÓMEZ 1994 b). Os resultados desta investigação instigaram a necessidade de estudar outros lotes do mesmo

tipo, com a intenção de corroborar alguns dados oferecidos pelo espólio de Mértola e obter, sobre esta temática, uma perspectiva mais ampla dentro do Garb al-Andalus. Isto levou-nos a iniciar o estudo do lote de cerâmica de «verde e manganés» proveniente das escavações de Abel Viana e conservado no Museu Rainha D. Leonor de Beja<sup>2</sup>.

A cerâmica de «verde e manganés» caracteriza-se por uma decoração vidrada, com fundo branco e motivos decorativos em verde (cobre) e roxo-preto (manganés), embora, por vezes, na composição cromática, possa também surgir o amarelo, e o fundo branco ser substituído por melado. Os reversos das peças podem apresentar vidrado branco, melado, verde ou não apresentar qualquer vidrado.

Este grupo cerâmico aparece no al-Andalus no período califal muito ligado à fundação da cidade palatina de Madinat al-Zahra (JIMENEZ 1926, ESCUDERO, 1991, BARCELÓ 1993). Difunde-se rapidamente e, em quase todas as estações peninsulares, surgem peças deste tipo com datações da segunda metade do século X, século XI e, mais recentemente, do século XII (GALLART 1986, AZUAR, 1989). No século XIII esta técnica decorativa surge novamente em cerâmicas cristãs, embora com novas formas e motivos.

Incluimos também neste conjunto as peças decoradas com fundo branco e motivos decorativos em manganés,

1. Coordenadas Geográficas Internacionais 8o 17' 50" W e 37o 34' 50" N.

2. Quero agradecer ao Director do Museu Rainha D. Leonor de Beja ter-me facilitado a realização do presente estudo.

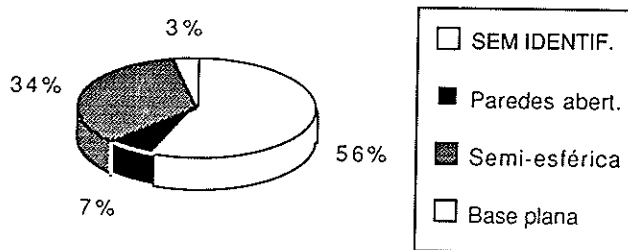
portanto sem presença de verde, dado que são em tudo tecnicamente semelhantes às que contêm esta última cor.

## II. AS FORMAS

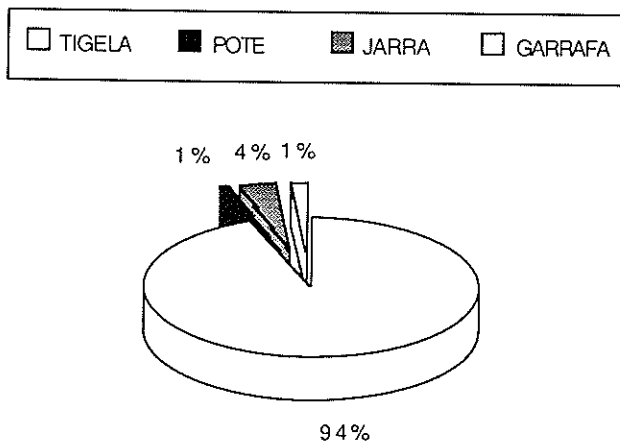
O elevado grau de fragmentação e deterioração dos vestígios impediu, em muitos casos, a identificação da forma das distintas peças que compõem o lote<sup>3</sup>. Mesmo assim, pode afirmar-se que a variedade de formas é pequena.

A parte mais representativa do lote são tigelas, metade das quais só conserva alguns fragmentos que não permitem definir claramente a forma da peça. Nos casos em que isto é possível, a maior parte pertence a tigelas de corpo semi-esférico, com base anelar que, por vezes, se une ao corpo com uma moldura (COLA-3-2). Hipoteticamente também pertencem a este tipo as peças com bordos boleados que apresentam uma dobra levemente descaída (COLA-3-1), mas não existe nenhuma peça completa que o confirme. Foram identificadas mais duas formas: a tigela de corpo troncocónico invertido e base plana ou côncava, sempre sem anel (COLA-3-26), e a de paredes abertas ao exterior, também com base anelar, que por vezes apresenta o corpo levemente carenado (COLA-3-28).

### TIGELA



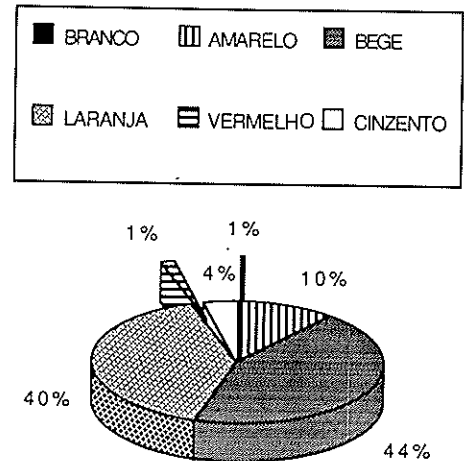
O grupo das formas fechadas é constituído por alguns pequenos fragmentos de jarras de corpo globular, de potes de corpo cilíndrico (COLA-3-129) e de garrafas também de corpo globular (COLA-3-128).



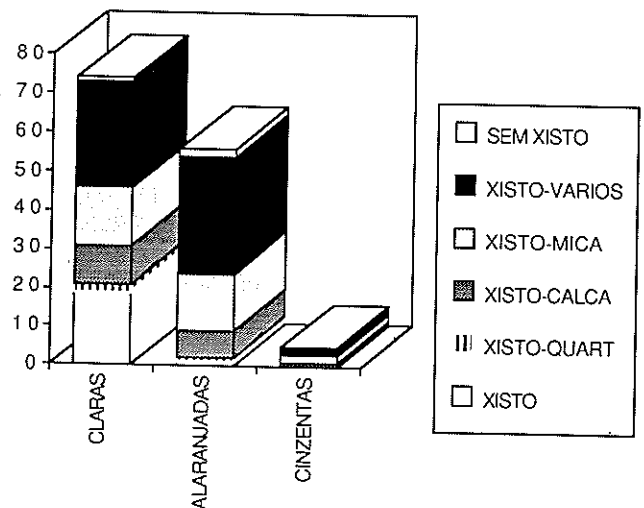
3. Isto condiciona igualmente qualquer análise estatística, tornando-a pouco fiável.

## III. AS PASTAS

As pastas são relativamente homogêneas. O grupo maior apresenta pastas claras (56%): brancas, amarelas e bege escuro. Um outro grupo importante apresenta pastas alaranjadas, algumas com tendências avermelhadas (41%). O grupo menor é o que apresenta cor cinzenta, em consequência de uma cozedura redutora.



Entre os elementos não plásticos desta cerâmica o xisto é o mais frequente, comumente acompanhado de outros (quartzo, mica, calcário, ou vários destes em conjunto com chamote, e ainda sílica). É de destacar a escassa percentagem de pastas sem xisto.



Não há tipos de pastas ligados a uma determinada forma ou decoração, mas sim em relação às técnicas decorativas: as peças com decoração de verde e manganés sob revestimento melado são sempre executadas com pastas vermelhas, característica que coincide com as do lote de Mértola.

#### IV. A TÉCNICA DECORATIVA

Num outro estudo fizemos uma análise detalhada da problemática respeitante à técnica decorativa com «verde e manganês» (GÓMEZ 1994 b). O debate principal surge da divergência sobre qual é o elemento utilizado para obter o fundo branco. Enquanto alguns investigadores mantêm que se trata de um engobe sobre o qual se aplicavam os óxidos de cobre e manganês e uma cobertura vidrada transparente de chumbo, outros negam mesmo a existência desta técnica na Península Ibérica neste período, e afirmam que o branco corresponde a um vidrado de estanho sobre o qual se aplicavam os óxidos. O simples aspecto das peças, normalmente, não é fiável para determinar a técnica utilizada, e só um imenso conjunto de análises laboratoriais podem vir a aclarar se se trata de uma ou de outra técnica. Por enquanto, até os próprios analisistas hesitam na classificação destes acabamentos como sendo esmalte estanhado ou como engobe. Mas este debate resulta pouco frutífero, porque, no fundo, aquilo que se procurava obter no fabrico – seja qual for o método – era o efeito cromático, o que foi conseguido.

Ao invés, os investigadores não prestaram muita atenção aos distintos tipos de acabamento que aparecem nos reversos das peças. No conjunto de Mértola nota-se uma grande diversidade de reversos, facto que nos incitou a colocar a hipótese de estudá-los como meio possível de reconhecimento de produções correspondentes a distintas oficinas e/ou períodos cronológicos.

No lote de cerâmicas de verde e manganês do Castro da Cola há uma enorme homogeneidade em comparação com o de Mértola. A maior parte dos fragmentos apresenta uma técnica deficiente, com um fundo branco sujo, mal vidrado, talvez por causa duma insuficiente cozedura. O manganês apresenta tom roxo, enquanto o cobre torna-se verde amarelado. A maior parte do conjunto apresenta vidrado melado no exterior; 10% vidrado branco; 5% transparente e 5% das peças não apresenta vidrado. Só alguns casos isolados mostram um acabamento de qualidade, ou uma combinação cromática mais original do que o clássico branco-verde-manganês: duas peças apresentam decoração em verde e manganês sob o vidrado melado. Além do mais só 15% exhibe um vidrado de maior qualidade, sendo que, neste grupo, a maior parte das peças possui vidrado branco no reverso. Entre elas destaca-se a peça com o número de inventário COLA-3-053, e em geral todas as formas fechadas, com um acabamento de qualidade que merece ser assinalado.

#### V. OS MOTIVOS DECORATIVOS

Em linhas gerais nota-se que a execução do desenho é tosca, com excepção das peças nas quais se verifica uma melhor qualidade técnica de fabrico.

Os motivos decorativos são pouco variados. Encontramos algumas composições com pinhas em disposição radial, muito frequentes no Garb al-Andalus, (Nº de inventário COLA-3-1), de seis ou oito pinhas, ou em forma de ramo (COLA-3-2), mas a fragmentação das peças impede uma melhor apreciação. Surgem também flores de lótus e palmetas isoladas, formando uma banda à volta do bordo (COLA-3-28), em cadeia (COLA-3-32), ou em com-

posição radial (COLA-3-26), motivo também muito disseminado no Garb. Em alguns casos o motivo decorativo contém o «cordão da eternidade», que aparece uma vez com três cabos (COLA-3-128) e, mais frequentemente, com dois (COLA-3-41). As peças com motivos epigráficos ou pseudo-epigráficos são muito escassas e de difícil leitura; apenas num fragmento se pode adivinhar a palavra Allah (COLA-3-45). São poucas as peças que incluem bandas ponteadas, as quais surgem sempre a contornar outros motivos (COLA-3-53), mas infelizmente não contamos com nenhuma composição completa. Um interessante fragmento parece representar a figura de um quadrúpede traçado esquematicamente (COLA-3-57), embora, mais uma vez, o desenho se apresente incompleto.

#### VI. ESTUDO COMPARATIVO

A tipologia das tigelas de corpo semiesférico corresponde a um período antigo, datadas da segunda metade do século X ou princípios do século XI, especialmente as que apresentam anéis largos e paredes grossas. Para este tipo de peças encontram-se paralelos na maior parte das estações deste período na Península Ibérica, especialmente Madinat al-Zahra (JIMÉNEZ 1926, ESCUDERO 1991) e Madinat Ilbira (CANO, 1990), e em algumas do Magrebe, nomeadamente Ceuta (SOTELO, 1978). No Garb encontramos peças semelhantes em Silves (GOMES 1988), Vilamoura (MATOS 1986, MATOS 1991), Castelo Velho de Alcoutim (CATARINO 1992), Mesas do Castelinho em Almodovar (GUERRA 1993) e Mértola (TORRES 1987, GÓMEZ 1994 a).

As tigelas de base plana sem anel também correspondem ao mesmo período, com paralelos especialmente claros em Madinat al-Zahra e Madinat Ilbira. Também encontramos esta forma em Mértola, Castelo Velho de Alcoutim, Vilamoura e Silves.

As tigelas de paredes abertas ao exterior, também com base anelar, podem datar-se do século XI, especialmente as que apresentam o corpo levemente carenado. Existem no espólio de Mértola e do Castelo Velho de Alcoutim.

As peças fechadas não fornecem dados suficientes que permitam valorações concretas, embora o pequeno pote de paredes cilíndricas seja uma peça com paralelos frequentes datados do período califal: Madinat al-Zahra, Madrid (RETUERCE 1986), Torredelcampo (Jaén, Espanha) (SALVATIERRA, 1987), etc.

Os dados obtidos pelo estudo comparativo dos reversos são muito aliciantes. O maior grupo corresponde a reversos melados que na sua maior parte podem enquadrar-se na segunda metade do século X ou inícios do século XI. Dentro deste grupo incluímos os poucos exemplares que apresentam no anverso melado-verde-manganês (sem branco). Ao invés, a maior parte das peças com decoração de bandas ponteadas e reverso branco, possuem formas que se adaptam a cronologias do século XI (Nº de inventário COLA-3-53), facto que vem corroborar algumas hipóteses apresentadas no nosso estudo sobre a cerâmica decorada em «verde e manganês» de Mértola (GÓMEZ 1994 b).

## VII. CONCLUSÕES

Numa análise comparativa entre o lote do Castro da Cola e os outros dois conjuntos melhor estudados e mais representativos do Garb (Mértola e Silves), contrasta a homogeneidade técnica do primeiro com a diversidade técnica e riqueza iconográfica dos segundos.

Tudo isto está em consonância com as características da estação, que a definem como uma localidade secundária dentro do conjunto do Garb, onde apenas chegariam alguns exemplares das produções de maior qualidade procedentes de longe, enquanto que o abastecimento principal deveria provir de alguma oficina local da qual não podemos precisar a localização.

A existência de oficinas regionais no al-Andalus é um facto aceite pela maior parte dos investigadores (ROSSELLÓ 1978, ZOZAYA 1980, BAZZANA 1986), mas não foram ainda definidas com precisão as distintas produções locais. Também não são abundantes as análises laboratoriais das pastas cerâmicas que permitam corroborar as hipóteses surgidas acerca da origem das distintas produções. Tendo isto em conta não podemos afirmar com toda a certeza a existência de uma produção no Garb de «verde e manganés», embora os dados de que até agora dispomos apontem nesse sentido. Esperamos, em trabalhos futuros, conseguir mais dados que contribuam para o esclarecimento desta questão.

## VIII. BIBLIOGRAFIA

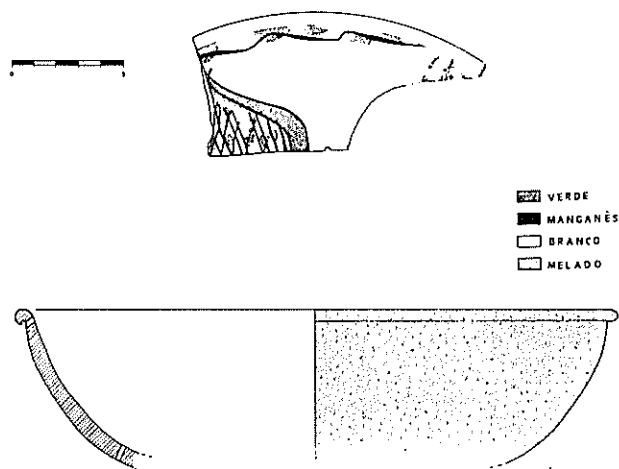
- AZUAR 1989: AZUAR (R.). – Denia Islámica: Arqueología y poblamiento, Alicante, 1989.
- BARCELÓ 1993: BARCELÓ (M.). – «Al-Mulk, el verde y el blanco, la vajilla califal omeya de Madinat al-Zahra». In: La cerámica altomedieval en el sur de Al-Andalus, Granada, 1993, pp. 291-299.
- BAZZANA 1986: BAZZANA (A.), LEMOINE (CH.) e PICON (M.). – «Le probleme de l'origine et de la diffusion des céramiques dites califales: recherche préliminaire». In: Segundo Coloquio Internacional sobre la Cerámica Medieval en el Mediterráneo Occidental, Toledo, 1981, Madrid, 1986, pp. 33-38.
- CANO 1990: CANO PIEDRA (C.). – «Estudio sistemático de la cerámica de Madinat Ilbira». *Cuadernos de la Alhambra*, Granada, nº 26, 1990, pp. 25-68.
- CATARINO 1992: CATARINO (H.). – «Os sistemas defensivos muçulmanos do Algarve oriental e o Castelo Velho de Alcoutim». In: III Congreso de Arqueología Medieval Española. Oviedo, 1989, Oviedo, 1992. T. II, pp. 296-305.
- ESCUDEIRO 1991: ESCUDEIRO ARANDA (J.). – «La cerámica decorada en "verde y manganés" de Madinat al-Zahra». *Cuadernos de Madinat al-Zahra*, Córdoba, vol. 2, 1991, pp.127-161.
- GALLART 1986: GALLART (J.), GIRALT (J.) e MIRO (J. M.). – «Excavaciones en el lado Norte de la Iglesia de Sant Martí (Lleida). Época andalusí y medieval». In: I Congreso de Arqueología Medieval Española, Huesca, 1985, Zaragoza, 1986. T. IV, pp. 313-330.
- GOMES 1988: VARELA GOMES (R.). – Cerâmica Muçulmana de Silves, *Xelvs*, nº 1, Silves, 1988.
- GÓMEZ, 1994 a: GÓMEZ MARTÍNEZ (S.). – «La cerámica "verde y morado" de Mértola (Portugal)». *Arqueologia Medieval*, Porto, Edições Afrontamento, nº 3, 1994, pp.113-132, .
- GÓMEZ, 1994 b: GÓMEZ MARTÍNEZ (S.). – «Variantes técnicas y formales de la cerámica "verde y morado" de Mértola (Portugal)». In: IV Congreso de Arqueología Medieval Española, Alicante, 1992, Alicante, Asociación Española de Arqueología Medieval, 1994, T. III, pp. 779-786.
- GUERRA 1993: GUERRA (A.), FABIÃO (C.). – «Uma fortificação Omíada em Mesas do Castelhinho (Almodovar)». *Arqueologia Medieval*, Edições Afrontamento, Porto, nº 2, 1993, pp. 85-102.
- JIMÉNEZ 1926: JIMÉNEZ ET ALII. – «Excavaciones de Medina-Azahra (Córdoba). Memoria», *Memorias de la Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades*, Madrid, 1926.
- MATOS 1986: MATOS (J.L.). – «Ceramique musulmane du Sud de Portugal». In: II Congreso Internacional sobre la Cerámica Medieval del Mediterráneo Occidental. Toledo, 1981, Madrid, 1986, pp. 149-154.
- MATOS 1991: MATOS (J.L.). – «Cerâmica muçulmana do Cerro da Vila». In: A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo. Lisboa 1987, Lisboa, 1991, pp. 429-456.
- RETUERCE 1986: RETUERCE (M.) e LOZANO (I.). – «Cerámica islámica de Madrid». In: I Congreso de Arqueología Medieval Española, Huesca 1985. Zaragoza, 1986, t. IV, pp. 95-109.
- ROSSELLÓ 1978: ROSSELLÓ (G.). – Ensayo de sistematización de la cerámica árabe de Mallorca, Palma de Mallorca, 1978.
- SALVATIERRA 1987: SALVATIERRA (V.) e AGUIRRE (F. J.). – «El asentamiento hispanomusulmán de Cerro Miguelico (Torredelcampo-Jaén)». In: II Congreso de Arqueología Medieval Española, Madrid, 1987, Madrid, 1987, t. III, pp. 141-148.
- SOTELO 1978: SOTELO (E.). – Cerámica hispanomusulmana de la sala arqueológica de Ceuta: II Técnica de cuerda seca. Sala Municipal de Arqueología. Ceuta, 1978.
- TORRES 1987: TORRES (C.). – Cerâmica Islâmica Portuguesa: Catálogo, Mértola, 1987.
- VIANA 1958: VIANA, (A.). – «Castro de Nossa Senhora da Cola (Ourique)», *Arquivo de Beja*, XV, 1958, pp. 25-35.
- VIANA 1959: VIANA, (A.). – «Notas históricas arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo», *Arquivo de Beja*, XVI, 1959, pp. 3-48.
- VIANA 1960: VIANA, (A.). – «Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo Senhora da Cola» *Arquivo de Beja*. XVII, 1960, pp. 38-231.
- ZOZAYA 1980: ZOZAYA (J.). – «Aperçu général sur la céramique espagnole». In: Colloque Internationale sur la Céramique Médiévale en Méditerranée Occidentale, Valbonne, 1978, Paris, 1980, pp. 265-296.

## IX. INVENTÁRIO

Por limitações de espaço apresentamos apenas o inventário de uma selecção de catorze peças (aproximadamente 10%) do lote de cerâmicas decoradas em verde e manganés do Castro da Cola, embora o estudo tenha sido feito a partir do total das peças conservadas.

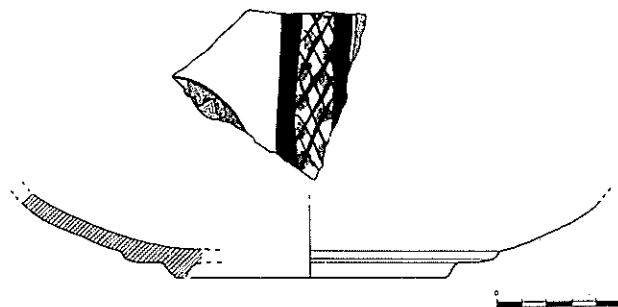
## Nº 1

Nº de Inventário	COLA-3-001
Tipo e função	Tigela; Loiça de Mesa
Dimensões	Ø da boca 270 mm.
Morfologia	Bordo boleado com dobra levemente descaída e paredes semiesféricas.
Decoração	Vidrado em branco verde e manganés no interior e melado no exterior. Composição radial de pinhas, e festão no bordo.
Técnica	Pasta alaranjada, porosa, com intrusões médias de calcário e xisto. Fabrico a torno. Cozedura oxidante.
Cronologia	2ª metade século X, século XI.
Procedência	Castro da Cola
Depósito	Museu Rainha D. Leonor de Beja



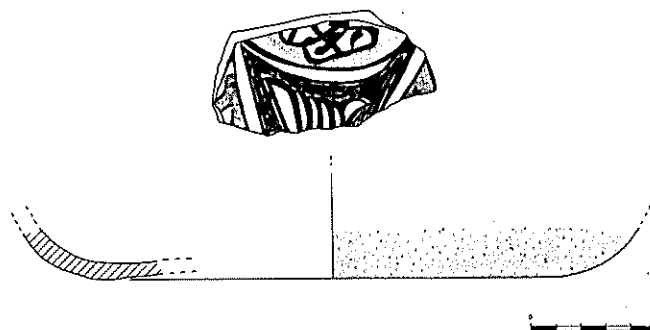
## Nº 2

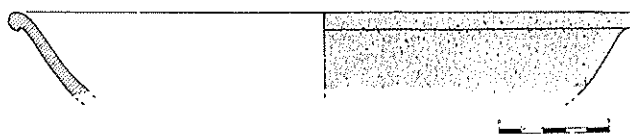
Nº de Inventário	COLA-3-002
Tipo e função	Tigela; Loiça de Mesa
Dimensões	Ø da base 115 mm.
Morfologia	Pé anelar e corpo semiesférico com moldura na parte inferior.
Decoração	Vidrado em branco verde e manganés no interior e branco no exterior. Composição de pinhas.
Técnica	Pasta bege, porosa, com intrusões médias de quartzo, calcário e xisto. Fabrico a torno. Cozedura oxidante.
Cronologia	2ª metade século X, século XI.
Procedência	Castro da Cola
Depósito	Museu Rainha D. Leonor de Beja



## Nº 3

Nº de Inventário	COLA-3-026
Tipo e função	Tigela; Loiça de Mesa
Dimensões	Ø da base 190 mm.
Morfologia	Base levemente côncava e paredes curvas.
Decoração	Vidrado em branco verde e manganés no interior e melado no exterior. Composição radial de oito palmetas inscritas em triângulos, e rodeadas por oito motivos ovais.
Técnica	Pasta alaranjada, porosa, com intrusões médias de xisto. Fabrico a torno. Cozedura oxidante.
Cronologia	2ª metade século X, século XI.
Procedência	Castro da Cola
Depósito	Museu Rainha D. Leonor de Beja

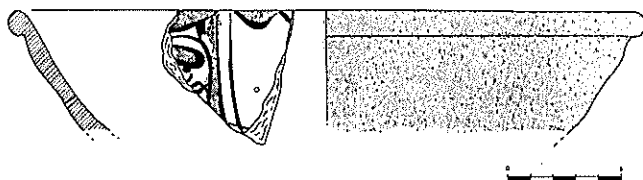




## Nº 4

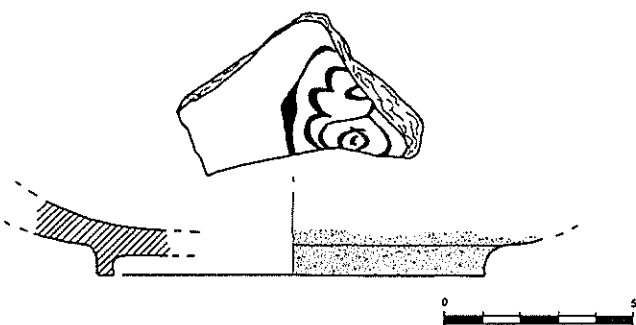
Nº de Inventário	COLA-3-028
Tipo e função	Tigela; Loiça de Mesa
Dimensões	Ø da boca 290 mm.
Morfologia	Bordo boleado com dobra levemente descaída e paredes curvas abertas no exterior.
Decoração	Vidrado em branco verde e manganés no interior e melado no exterior. Festão de palmetas no bordo.
Técnica	Pasta alaranjada e cinzenta no centro, porosa, com intrusões médias de calcário e xisto. Fabrico a torno. Cozedura oxidante incompleta.
Cronologia	2ª metade século X, século XI.
Procedência	Castro da Cola
Depósito	Museu Rainha D. Leonor de Beja

## Nº 5



Nº de Inventário	COLA-3-029
Tipo e função	Tigela; Loiça de Mesa
Dimensões	Ø da boca 280 mm.
Morfologia	Bordo boleado com dobra levemente descaída e paredes semiesféricas.
Decoração	Vidrado em branco verde e manganés no interior e melado no exterior. Composição radial de palmetas, e festão no bordo.
Técnica	Pasta alaranjada, porosa, com intrusões médias de calcário e xisto. Fabrico a torno. Cozedura oxidante.
Cronologia	2ª metade século X, século XI.
Procedência	Castro da Cola
Depósito	Museu Rainha D. Leonor de Beja

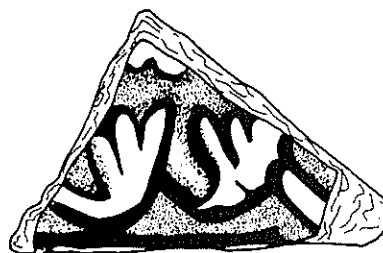
## Nº 6



Nº de Inventário	COLA-3-030
Tipo e função	Tigela; Loiça de Mesa
Dimensões	Ø da base 100 mm.
Morfologia	Base com pé anelar.
Decoração	Vidrado em branco verde e manganés no interior e melado no exterior. Motivo vegetalista esquemático de flor de lótus.
Técnica	Pasta alaranjada, porosa, com intrusões médias de mica e xisto. Fabrico a torno. Cozedura oxidante.
Cronologia	2ª metade século X, século XI.
Procedência	Castro da Cola
Depósito	Museu Rainha D. Leonor de Beja

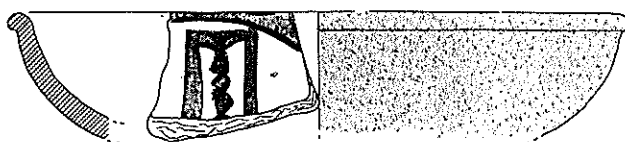
## Nº 7

Nº de Inventário	COLA-3-032
Tipo e função	Tigela; Loiça de Mesa
Dimensões	Fragmento de 40 por 70 mm.
Morfologia	Fragmento de bojo de paredes curvas.
Decoração	Vidrado em branco verde e manganés no interior e melado no exterior. Friso de palmetas consecutivas.
Técnica	Pasta bege, porosa, com intrusões pequenas de xisto. Fabrico a torno. Cozedura oxidante.
Cronologia	2ª metade século X, século XI.
Procedência	Castro da Cola
Depósito	Museu Rainha D. Leonor de Beja



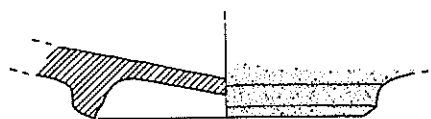
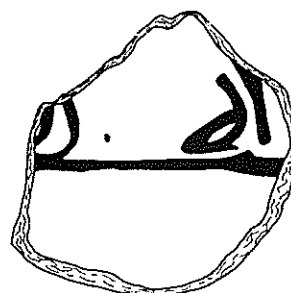
## Nº 8

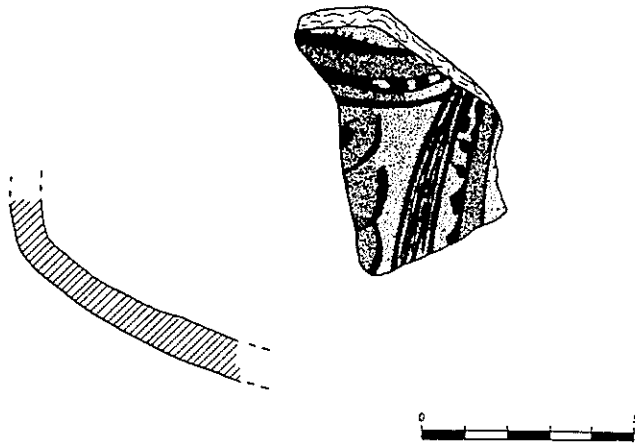
Nº de Inventário	COLA-3-041
Tipo e função	Tigela; Loiça de Mesa
Dimensões	Ø da boca 230 mm.
Morfologia	Bordo boleado com dobra levemente descaída e paredes semiesféricas.
Decoração	Vidrado em branco verde e manganés no interior e melado no exterior. Friso com estreito «cordão da eternidade» de dois cabos e festão no bordo.
Técnica	Pasta bege, porosa, com intrusões médias de calcário e xisto. Fabrico a torno. Cozedura oxidante.
Cronologia	2ª metade século X, século XI.
Procedência	Castro da Cola
Depósito	Museu Rainha D. Leonor de Beja



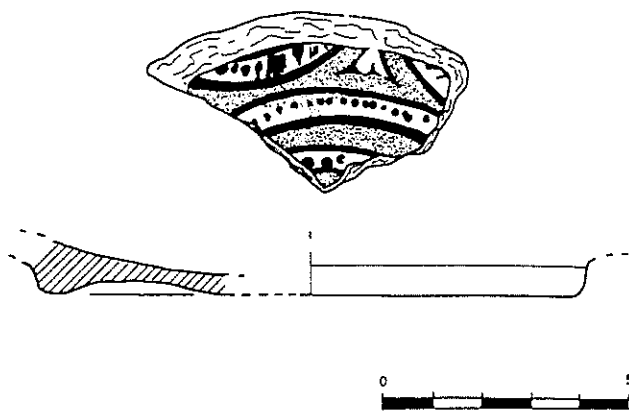
## Nº 9

Nº de Inventário	COLA-3-045
Tipo e função	Tigela; Loiça de Mesa
Dimensões	Ø da base 80 mm.
Morfologia	Base com pé anelar e fundo externo convexo.
Decoração	Vidrado em branco e manganés no interior e melado no exterior. Motivo epigráfico no qual parece ler-se <i>Allah</i> .
Técnica	Pasta bege, porosa, com intrusões médias de calcário e xisto. Fabrico a torno. Cozedura oxidante.
Cronologia	Século XI.
Procedência	Castro da Cola
Depósito	Museu Rainha D. Leonor de Beja

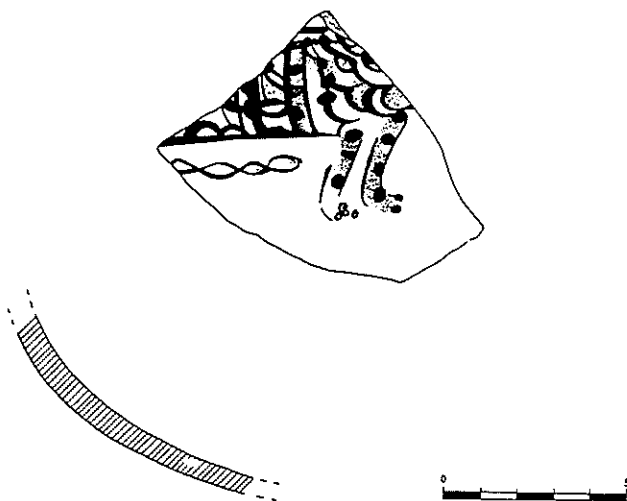




- Nº 10**
- Nº de Inventário COLA-3-051  
 Tipo e função Tigela; Loiça de Mesa  
 Dimensões Fragmento de 65 por 40 mm.  
 Morfologia Fragmento de bojo levemente carenado.  
 Decoração Vidrado em melado verde e manganés no interior e melado no exterior. Composição radial de cordão da eternidade inscrito por bandas ponteadas.
- Técnica Pasta vermelha e cinzenta no centro, porosa, com intrusões médias de quartzo, calcário, mica e xisto. Fabrico a torno. Cozedura oxidante incompleta.
- Cronologia 2ª metade século X, século XI.  
 Procedência Castro da Cola  
 Depósito Museu Rainha D. Leonor de Beja



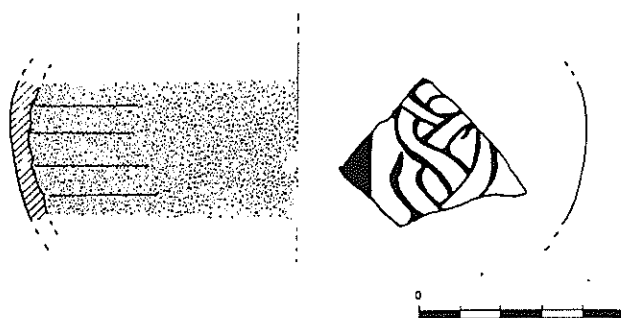
- Nº 11**
- Nº de Inventário COLA-3-053  
 Tipo e função Tigela; Loiça de Mesa  
 Dimensões ø da base 110 mm.  
 Morfologia Base com pé anelar e fundo externo convexo.
- Decoração Vidrado em branco verde e manganés no interior e branco no exterior. Composição com linhas ponteadas.
- Técnica Pasta bege, porosa, com intrusões médias de quartzo, chamote, calcário e xisto. Fabrico a torno. Cozedura oxidante.
- Cronologia 2ª metade século X, século XI.  
 Procedência Castro da Cola  
 Depósito Museu Rainha D. Leonor de Beja



- Nº 12**
- Nº de Inventário COLA-3-057  
 Tipo e função Tigela; Loiça de Mesa  
 Dimensões Fragmento de 75 por 70 mm.  
 Morfologia Fragmento de bojo curvo.  
 Decoração Vidrado em branco verde e manganés no interior e melado no exterior. Motivo zoomórfico no qual aparecem representadas esquematicamente as patas dianteiras de um quadrúpede (?).
- Técnica Pasta alaranjada, porosa, com intrusões pequenas de mica e xisto. Fabrico a torno. Cozedura oxidante.
- Cronologia 2ª metade século X, século XI.  
 Procedência Castro da Cola  
 Depósito Museu Rainha D. Leonor de Beja

## Nº 13

Nº de Inventário	COLA-3-128
Tipo e função	Bilha; Loiça de Mesa
Dimensões	Largura máxima 140 mm.
Morfologia	Fragmento de bojo globular.
Decoração	Vidrado em branco verde e manganés no exterior e melado no interior. «Cordão da eternidade» de três cabos vertical.
Técnica	Pasta bege no exterior e cinzenta no interior, porosa, com intrusões médias de mica e xisto. Fabrico a torno. Cozedura oxidante incompleta.
Cronologia	2ª metade século X, século XI.
Procedência	Castro da Cola
Depósito	Museu Rainha D. Leonor de Beja



## Nº 14

Nº de Inventário	COLA-3-129
Tipo e função	Pequeno pote; Loiça de Mesa
Dimensões	Largura máxima 80 mm.
Morfologia	Fragmento de bojo cilíndrico carenado e colo cilíndrico.
Decoração	Vidrado em branco verde e manganés no exterior e melado no interior. Motivo vegetalista no bojo.
Técnica	Pasta alaranjada, porosa, com intrusões médias de mica e xisto. Fabrico a torno. Cozedura oxidante.
Cronologia	2ª metade século X, princípios do século XI.
Procedência	Castro da Cola
Depósito	Museu Rainha D. Leonor de Beja

